

Costa de Oiro



✓
Pág 10

1938 - MAIO

1 \$ 5 0

OFERTA



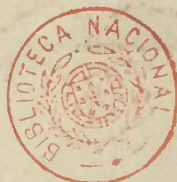
PORTO SANDEMAN

AGENTE

ALVARO DE LACERDA

RUA DO ALECRIM, 21

LISBOA



Costa de Oiro

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA REGIONALISTA

Director:

ANTÓNIO SABINO SIMÕES NETTO

Editor:

ANTÓNIO DA COSTA FERREIRA

Patrocinada pela

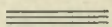
Comissão Municipal

de Turismo de Lagos

Prop. da Sociedade Propaganda da

Costa de Oiro (em organização)

Rua Dr. Joaquim Tello, 42 - Lagos

MAIO - 1938  N.º 41

AS 3 PANCADAS DE MOLIÈRE

por COSTA FERREIRA

Nas tranqüilas águas do lago Lemán, que as montanhas nevadas da Suíça circundam, reflete-se em recortes severos de modernismo o magestoso Palácio da Sociedade das Nações que em nada compromete o bom gosto impregnado no sentir dos mais afamados architectos do mundo.

Estava terminada a carnificina de 1914-1918. Os homens sentiam pesadamente o fardo que o cortejo das suas ambições, dos seus ódios, de toda a sua ferocidade, em suma, lhes impuzera; urgia portanto remediar esse mal e chamar à luz da realidade a voz íntima da sua natureza divina.

Posto então em vigor o tratado de Versailles, nasceu em 16 de Janeiro de 1920 a Sociedade das Nações que, acendendo uma brilhante esperança, prometia iluminar o Mundo. Mas os homens continuaram os mesmos e o organismo genebrino não passara até agora duma generosa quimera!

Não pretendo inumerar as múltiplas causas porque a Sociedade das Nações falhou redundamente, águas passadas não movem moinhos, tão somente é meu intuito colocar-me ao lado dos

que, não sendo demasiado otimistas, reconhecem no entanto que a Sociedade das Nações não é letra morta, e que para prestígio da nossa humanidade, ela deverá continuar existindo sob a égide da civilização e do bom entendimento entre os povos, ainda mesmo que esteja longe o dia em que os homens tomem definitivamente horror às convulsões que agitam o mundo.

A fim de prestar homenagem à Suíça, o mais pacífico de todos os povos, aquele que há quatro séculos desconhece a guerra, a Sociedade das Nações instalara-se, conforme poudes em Genebra. Porém, a falta de uma sede própria, de um monumento que se harmonizasse com a grandeza do pensamento que gerou tal instituição, que preconizava ser o símbolo da glória pacífica do século vinte, fazia-se sentir cada vez mais.

Aprovados os projectos de um tão grandioso edificio, foi lançada a primeira pedra a 7 de Setembro de 1929. Nos anos que se seguiram trabalhou-se afinadamente e deste trabalho resultou uma obra prima de architectura e de arte que é hoje o referido Palácio da Sociedade das Nações. E nem de outra forma se



Vista parcial do famoso Palácio da Sociedade das Nações

compreenderia como esta mole de pedra e cal incrustada de mármore, num volume de 400.000 metros cúbicos, espalhados numa área de 18.000 metros quadrados, abrindo 1.700 portas e 1.650 janelas, poderia corresponder à sumptuosidade dos seus terraços e à espiritualidade fortemente emotiva dos seus parques e jardins onde por entre alamedas de cedros seculares e de ciprestes pontegudos, correm canteiros policrómicos ricamente emoldurados de mármore finos que se espelham, ao fundo, na miragem tentadora do grande lago. Mas enquanto a grandeza dos exteriores extasia pelo que arranca à paisagem de elevado e de humano, o requinte nas decorações interiores — as mais variadas ofertas dos diferentes países — faz de todo o palácio um grande museu da arte mundial: Há galerias que se estiram em mármore raros, salões que se confortam em tapeçarias invulgaes, salas e gabinetes que se alegram em expressivos frescos. E, por toda a parte, a luz inunda os cristais e esgueira-se pelos aposentos numa sinfonia de côr.

Não quero deixar sem reparo especial o salão da Assembleia pela sua grandiosidade, pois deverá ser, no género, uma das maiores tribunas do mundo porque pode comportar duas mil pessoas; a sala do Conselho pela exuberância dos

seus frescos transbordantes de conceito — o do tecto representando a Solidariedade dos Povos e os das paredes, a Força, a Lei, o Fim da Peste, o Fim da Escravidão, a Esperança, o Fim da Guerra; a Sala da Biblioteca, construída a dispensas de Rockefeller, é uma das mais modernas da Europa, podendo nela reunir-se um milhão de livros.

Ignoro o signo dominante sob o qual vive a humanidade do século XX, mas constato que, por detraz das forças que impelem o progresso material em cujo campo decorrem, como num desenrolar de filme, uma a seguir a outra, as imagens reais dum progresso sem limites, alastra uma sombra informe que vive parasitando e neste próprio progresso cultiva os germens com que contamina os homens, subdividindo-os, inutilizando-lhes aquele esforço que nada pode se o espírito não estiver à altura de lhe dar direcção. Semeiam-se ódios e colhem-se maldições. E no entanto o bem do mundo está dentro do coração de cada homem. Neste relicário de emoções ele lá está dormente ou desperto e, porque existe, assim dá fé o Templo da Paz, cuja próxima inauguração abrirá uma nova era para a Sociedade das Nações.

E, como a vida é uma eterna farsa, o começo desta era é para a Sociedade das Nações um começo de acto.

NOTAS E IMPRESSÕES

O valor monetário de uma mulher...

Comentando certas decisões dos tribunais franceses a propósito dos divórcios pelos quais muitos maridos têm sido dispensados da clássica pensão, um diário dos Estados Unidos lembrou-se de perguntar às suas numerosas leitoras, qual seria, em moeda o valor de uma esposa.

Uma respeitável senhora de 60 anos respondeu ao pé da letra, com algarismos, dizendo que até essa data, e há 30 anos que era casada, servira ao marido 235.425 refeições; fizera 33.910 pães; 5930 pasteis e 7.960 tortas. Creara para o marido 7660 galinhas e podia assegnar, matematicamente, quasi, que passara 36461 horas a costurar, lavando e remendando.

Todo esse trabalho valia segundo os seus cálculos 115.485 dólares (moeda portuguesa 1 761 640\$00).

Mas a respeitável senhora que em matéria de finanças, não é tãõ, acrescentou que nesta conta não estão incluídos os juros do dinheiro que, por vezes emprestou a seu marido.

O Futurismo na família...

CARTA DIRIJIDA A UM PAI

Meu querido Pai:

Escrevo-lhe esta carta na segunda feira, para que, chegando às suas mãos na terça, faça o meu Pai o favor na quarta, de me mandar algum dinheiro na quinta afim-de que o receba na sexta, de contrário montarei a cavalo no sabado, e encontrá-lo-hei no domingo.

Resposta...

Meu filho:

A tua de segunda feira recebi na terça, e escrevo-te na quarta para que saibas na quinta, que não te mandei aquele dinheiro na sexta, que não sendo na segunda, nem terça, nem na quarta, nem na quinta, nem na sexta, nem no sábado, nem no domingo. em qualquer outro dia a minha bolsa estará à tua disposição.

Sobre a Bondade...

A bondade é um rico manancial que brota lágrimas ao toque da menor comoção.

(Júlio Diniz)

Gratologia...

A vontade é em si força activa ou passiva. Eis a razão porque na caligrafia, os caracteres enérgicos e activos se manifestam facilmente. A predominância dos ângulos que substituem as curvas é outro índice de firmeza, e sendo exagerados de crueldade. Devem juntar-se-lhe as indicações dadas pelos «gestos livres»; hastes dos t, acentos, etc. assinalam bem a decisão de quem os traçou. Regulares, nítidos, ponderados no seu devido lugar: vontade firme; bem desenhada a letra: iniciativa; o t cortado alto: autoritarismo. Todas as hastes partem de baixo para cima e fecham à mesma altura: vontade passiva, tenacidade, teimosia, opposição sistemática.

Coisas Várias...

UM ENGENHOSO PROCESSO DE DECALQUE

Quem se destina à pintura ou à escultura não desenha somente modelos vivos. Estuda primeiro as obras primas dos mestres, copiando-as fielmente. Alguns amadores de desenho e de aguarela, desejariam fazer o mesmo, mas nem sempre têm um museu... à mão. Pois se uma paisagem ou um retrato lhes interessa e possuem uma máquina fotográfica, vejamos o que podem fazer. Aplicam à máquina fotográfica uma câmara especial, cuja parte inferior suporta um espelho com a inclinação de 45 graus, voltado para a parte superior. Esta parte, sendo horizontal, é constituída por um vidro despolido. Mantendo aberta a objectiva, a paisagem ou o recanto que se escolhera, reflecte-se devido ao espelho, no vidro despolido. Depoia nada mais fácil do que desenhar por cima, sobre um papel muito transparente.

Este engenhoso processo interessa áqueles que gostam de desenhar, e ainda mais aos que apenas são capazes de decalcar desenhos, como por exemplo os nossos filhos... Mas neste caso, é preciso recomendar-lhes muita cautela com a máquina fotográfica.

UM PENSAMENTO.

A religião é um facto intimo, não um poder externo, nem um domínio régio e político; é uma manifestação da consciência individual, não deve ser colectiva e portanto exterior e demonstrativa; e se deve haver uma evolução religiosa, será neste sentido e não noutro.

(G. Sergi)

DE BERNADIM RIBEIRO.

Conta-se que o mimoso autor da «Menina e Moça», estava certo dia num sarau, tam enlevado da sua dama, que tropeçou e caiu.

Mandou-lhe ela perguntar de que altura tinha caído.

— De toda a altura dos meus pensamentos — respondeu o escritor.

NUM BAILE.

Um sujeito, possuidor de um nariz formidável, consegue dansar num baile com uma dama muito galante, a quem perseguia há muito tempo.

— Minha Senhora, o que tenho a dizer-lhe é bastante extenso.

— Já sei: vai falar-me do seu nariz...

— costa de oiro - 3

A NOVISSIMA GERAÇÃO

POR NUNES CORREIA

O meu alfaiate, que a todos os títulos se me afigura um excelente psicólogo, disse-me um dia que tinha uma grande confiança nas suas mãos, mas nem por isso deixava de ser inquietante para ele cortar e provar um fato e então, beatificamente, antes de lançar a tesoura à fazenda dizia: «Deus te ponha a virtude». A-pesar-de excelente artista, o meu alfaiate considerava sempre inquietante a obra a realizar, e é precisamente esse o caso da novíssima geração que frente a um panorama de erros, talvez irremediáveis, frente a um panorama desconcertante que solicita a sua obra de amor, de generosidade, de independência mental, de pacificação da vida, se quisermos — ou inquietamente vai succumbir, ou inquietamente vai afirmar o seu valor e a sua acção.

É certo que um novo humanismo habita na actual juventude, e é sem precedentes no tempo e no espaço. Os outros humanismos foram formais: deixaram-nos excelentes quadros, a arte pela arte, talvez succulentos livros de erudição, talvez ingénuas atitudes da melancolia humana. O humanismo da novíssima geração não é erudito, nem é académico: não é convencional nem excessivamente intelectualista. É positivo, tem o horror dos preconceitos e das hipocrisias, prefere a estes as realidades plenas e vibrantes do espírito e do corpo. Não interessam, por exemplo, à juventude as complicações «por épa-ter» da chamada geração modernista, que precedeu a nossa. Vendo-se com olhos de ver tanta imaginação sem nexos, tantos quadros que são manipulosos, tantos versos que não sabemos se são prosa, e tanta prosa que nem prosa é — dir-se-ia que a loucura resolveu agasalhar-se no manicómio das novas artes portuguesas. Não é difícil descortinar que atrás desta arte manca, confusa, de bonecos aleijados e vagidos exóticos, há uma erradíssima interpretação da liberdade artística. Concordemos em que a arte se renove, concordemos mesmo em que as regras da arte não são dogmas. Mas sem regras — isto é — sem técnica, sem meios ordenados de expressão é que a arte não existe. (Os preciosistas fariam aqui bizantinas distinções entre regras, técnica, arte e processos).

Se por classicismo entendermos a justa proporção ou equilíbrio entre a forma e a essência, a Arte em todos os tempos nunca dispensou este classicismo, esta união da técnica com a ideia. J. Régio, que é um caso aparte entre os poetas modernistas, só nos convence na medida em que é simplesmente humano, na medida em que se nos revela um grande clássico.

É que as regras já são um pressuposto da arte, — e não a mania dos nossos avós, como diriam certos modernistas...

A liberdade não está em proclamar a sensorial desordem estática e a confusão — a liberdade consiste na faculdade que o artista dispõe de realizar novos — pessoais — humanos meios de expressão.

Não é de condenar a renovação da arte, mas é de repelir enojado os vendilhões do modernismo. E convenho em que os poucos valores desta geração, acusam — mesmo esses — uma angustiante confusão de espírito, de inteligência e de processos.

Quanto a mim, há no seu gesto de rebeldia contra a estética e arte convencionais alguma coisa de simbólico, de louvável. Mas não é paixão acrescentar que a sua obra, até aqui, não corresponde às responsabilidades de tal atitude.

O preciosismo é o defeito orgânico dos modernistas. Daí, a sua afectação, a falta de clareza, o destrambelho, o desequilíbrio patológico que revelam.

Que a novíssima geração, nêles, tem bebido alguns erros!

De acôrdo.

Até não é difícil catalogar os mestres e os discípulos.

Mas julgarão os destrambelhados mestres que tais discípulos não acabarão por combatê-los, marcar um papel e bandeira bem diferentes?...

Pelo menos já há uma diferença profunda: a novíssima geração não é teorizante nem abstracta: em lugar do preciosismo prefere a sinceridade (a sinceridade nos actos, nas palavras, nas obras e na vida).

E contentemo-nos com o riso ou a mofa dos que, incapazes de auscultar as ansiedades e os cuidados dum grande sonho, nos acusam de falar demasiado na vida, na humanidade ou na pátria — sem conhecermos a pátria, a humanidade ou a vida...

Regosigemo-nos, mesmo, com o ardor e o excesso do nosso idealismo, excesso e predilecção da nossa inteligência pelos imediatos problemas colectivos.

Ensaiair uma perspectiva diferente da liberdade, do homem e da vida — eis a mola real de todos os sonhos e inquietações dos moços da minha idade.

Aproxima-se a estação calmosa, quadra em que aqueles a quem a Fortuna bafejou com a sua graça permitindo-lhes alhearem-se temporariamente dos enervantes cuidados quotidianos procuram, na vivificadora atmosfera dos campos, ou sob a benéfica e amodorante sombra do frondoso arvoredado dos parques, no familiar e despreocupado convívio social das termas e das praias suavemente acariciadas pela brisa marítima, o esplendoroso sol, auferir o necessário repouso, retemperar o organismo, insuflar-lhe nova seiva, deliciar o espírito num ambiente de vida animada de distração e de alegria.

Nesses privilegiados logares dos quais a Natureza prodigalizou seus dons e encantos, as iniciativas locais multiplicam a sua actividade no sentido de aproveitar elementos, aformosear panoramas que possam dar realce às belezas naturais, proporcionando distração e comodidade aos visitantes, atraindo a concorrência de frequentadores.

Os hotéis, as pensões e casas particulares preparam-se para condignamente receberem os seus hóspedes, as sociedades recreativas, os casinos franqueiam as suas salas, promovem festas para inebriar uma multidão àvida de prazer e de emoções, a vida local anima-se, o movimento intensifica-se, o progresso acentua-se.

Nesta época em que a vertigem da velocidade se propaga a todos os meios e as existências decorrem céleres, não há o direito de permanecer inerte e indiferente à impulsiva evolução dimanada por imperiosas necessidades inerentes à vida hodierna.

Eis o lema que se nos oferece aplicar a Lagos. Cidade de situação privilegiada junto ao mar, o que permite aos seus habitantes frequentar a praia a toda a hora sem dispêndio de transportes; pela amenidade do seu clima, pela beleza das suas praias e abundância dos seus próprios recursos, reúne as melhores condi-

ções para constituir um ótimo centro de turismo e uma estância balnear de grande frequência, urgindo preparar-se devidamente e efectuar a respectiva propaganda.

Impõe-se tratar quanto antes da construção de um regular hotel de turismo sem o que não pode haver movimento e a conseqüente animação.

Enquanto essa sensível lacuna não é preenchida empenha-se a Comissão Municipal de Turismo local em conseguir que as pensões existentes melhorem quanto possível os seus cómodos, modernizem o seu aspecto geral e se ponha em prática a modalidade de aluguel de quartos e de casas mobiladas durante a época balnear, sendo igualmente de aconselhar a construção de vivendas de estética agradável junto às praias.

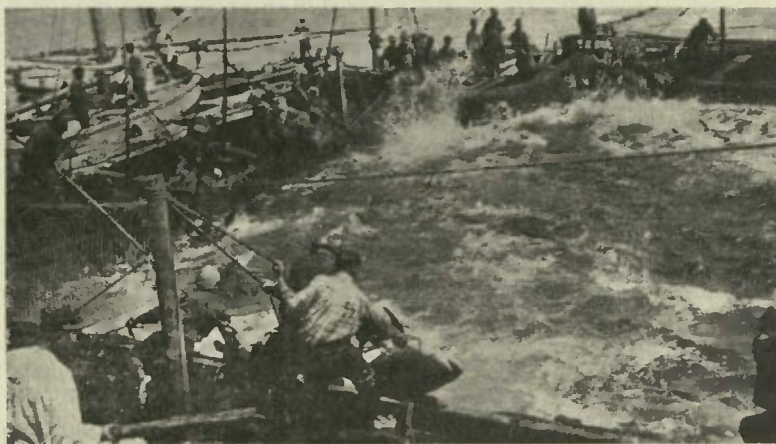
Além de algumas pensões de irrepreensível asseio e trato esmerado, existem presentemente em Lagos vários restaurantes de muito boa aparência servindo bem e economicamente.

Há que cuidar da valorização e embelezamento da Costa de Oiro. A Ponta da Piedade carece de alguns melhoramentos e atrativos que melhor lhe realcem a sua beleza natural, a sua surpreendente vista panorâmica.

É necessário porém não esquecer olhar por essa mal apreciada jóia com que a Natureza dotou Lagos, a Meia Praia, onde pela sua vastidão há lugar para tudo quanto ali se queira fazer em plena praia, pela salubridade e pureza dos seus banhos reúne as melhores condições para uma estância balnear de grande expansão e próspero futuro.

No capítulo dos divertimentos constata-nos que se vai inaugurar brevemente em Lagos uma esplanada com bar, jardim, etc, um recinto de festas aprazível, ótimamente localizado onde se poderão passar algumas horas agradáveis.

Que os lacobrigenses saibam apreciar e tirar o máximo proveito dos magníficos recursos de que a sua terra dispõe.



... do seu próprio estrebuchar extraindo a força que o atira para o barco...

A PE



seu próprio estrebuchar extraindo a força que o atira para os barcos onde vai ser recolhido. E' êste o sêgrêdo da arte, maravilha de habilidade e de destreza em que o pescador algarvio è exímio e que permite que

um só homem recolha peixes cujo pêso oscila entre 100 e 150 quilogramas.

Realizado simultâneamente e com a maior rapidez por dezenas de homens que se curvam, lançam o arpêu e cujos movimentos na agilidade de fisgar o peixe dão ao corpo a linha retezada e sóbria dos atletas, tem algo de rito selvagem, é uma faina impressionante.

Aqui é um homem que cái e entre os peixes se revolve, ali um golpe que falha, um copejador que o peixe arrasta. Animam a cena gritos estridentes, invocações de vária espécie, os apitos do mandador, as praças e as risotas.

O próprio bambolear das embarcações dá maior movimento a tudo. A água tinge-se de vermelho, um vermelho baço e viscoso; de vermelho, o sangue das vítimas, se tingem os pescadores. E cheira a carnificina. Há um cheiro intenso a pexum que estonteia e provoca náuseas.

E como a armação não vai para o mar sem ser prêviamente benzida, é êste um outro espectáculo digno de ser presenciado, mais acessível áqueles que sofrem de tal incômodo e em que há sobretudo a destacar uma Salvé-Rainha, de joelhos sôbre as rêdes, olhos rasos

A pesca mais tradicional e mais afa-mada que se realiza no Algarve é a do atum, que tem dado inspiração para algumas brilhantes páginas de consagrados escritores.

A pesca exige um mar límpido e sereno, um mar próprio e característico a que chamam *mar de atum*.

A disposição das rêdes que formam a armação e de que pode ver-se uma interessante miniatura no Museu Marítimo de Faro, é já de si muito curiosa. Por um sistema relativamente complicado, em que é tirado partido da marcha habitual do peixe e da timidez que o caracteriza, procura-se o seu encurralamento numa espécie de bacia de rêdes a que é chamada o copo, onde se procederá ao copejo, uma verdadeira batalha, ponto culminante do espectáculo.

O copo é o redondel onde vai travar-se a luta.

Levantada a rêle aos poucos, vem o peixe a tona de água e aí vão procurá-lo os *bicheiros* dos copejadores, que às dezenas se encontram em barcos circundando a movimentada arena. Um apito regula a manobra. E os copejadores, entre alaridos e praças, procuram fisgar o peixe com a necessária precisão, do

SCA DO ATUM

Pelo Dr. Mário Lyster Franco

de lágrimas, na maior religiosidade.

O atum passa duas vezes por ano, em cardumes, junto à Costa do Algarve, muito próximo de terra. A primeira nos meses de Abril a Junho, no sentido de oeste a leste em demanda do Mediterrâneo, onde se diz ir desovar, ocasião em que se apresenta gordo, é mais procurado, toma o nome *de direito* e se pesca sobretudo entre o Cabo de Santa Maria e o Cabo de S. Vicente; a segunda, no sentido inverso, nos meses de Julho a Agosto, em que é chamado *de revés* e o pescam principalmente as armações que se estendem do Cabo de Santa Maria até ao Guadiana.

O peixe saído do mar é conduzido para a *lota*, espécie de leilão, onde, por um sistema que tem muito de curioso, é adquirido pelas fábricas que não têm cercos próprios ou para a venda avulso. Na *lota* não há lançadores nem lances. Há tam sòmente um pregoeiro que se coloca junto ao peixe e grita rapidamente os preços de ordem decrescente até que alguém berra *meu*.

É a palavra que fecha contrato, seguindo-se outra par'ida.

Pago o imposto de pescado, o peixe vai para as fábricas, onde se procede ao seu amanho, trabalho em que se empregam principalmente mulheres.

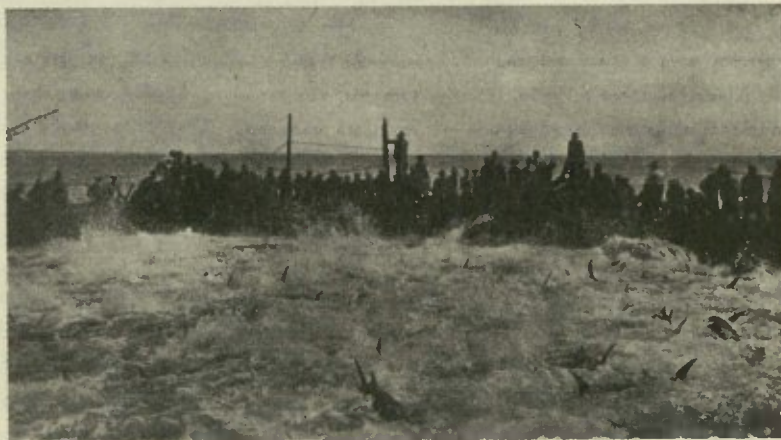
O atum tem a sua *lota*

habitual em Vila Real de Santo António, que por isso é considerada pelos industriais como a Bôlsa do Atum e que tem para êste serviço um aparelho de invento local, muito prático e engenhoso.

Correlativa à indústria da pesca, que ocupa no Algarve milhares de braços e sustenta milhares de pessoas, existe também na província largamente representada a indústria conservadora da mesma, indústria relativamente recente, pois só passou a exercer-se quando industriais italianos que nos vieram ensinar a melhor forma de conservar o atum e quando escasseou na França a sardinha que alimentava a indústria desta nação.

É principalmente o atum, a sardinha e o chicharro que no Algarve se conservam.

Fotos gentilmente cedidas pelo
Dr. Martiniano Santos



O «Copejo» tem algo de rito selvagem, é uma faina impressionante...

CIENCIA E CULTURA

O PAPEL DAS FRUCTAS NA ALIMENTAÇÃO DO HOMEM

Encontrámos na «Gazette Hebdomadaire de Sciences Médicales de Bordeaux» um resumo duma notável conferência proferida por um membro da Academia de Medicina de Paris, por ocasião da jornada da fructa, o qual, pelo seu interesse, transcrevemos a seguir:

As fructas desempenham importante papel na alimentação do homem, em primeiro lugar porque lhe fornecem com o seu açúcar energia, e depois por lhe trazerem uma série de substâncias minerais, orgânicas ou biológicas, indispensáveis ao equilíbrio dos humores e funcionamento da nutrição.

As fructas açucaradas, acidulas como a maçã, pera, uva, morango, laranja, abacaxi, etc., são as mais usadas. Contêm, na sua polpa, água, açúcar (sobretudo glicose e levulose), muito poucas proteínas ou gorduras, cellulose, matérias pécticas, ácidos orgânicos, fósforo em pequena quantidade e ferro em porção assás importante em certas fructas; nelas encontramos igualmente vitaminas e diástases que, se bem que em pequena porção, comunicam a algumas importantes propriedades.

As fructas são, antes de tudo, alimentos energéticos, pelo açúcar que contêm; são vantajosas para a alimentação dos desportistas. Pelas suas bases alcalinizam os órgãos e opõem-se à acidificação que a carne e alimentos animais em geral tendem a produzir.

Salvo algumas, como os marmelos, as nêspersas, os mirtos, são via-de-regra laxativas. Pela água que contêm, exercem uma acção diurética.

Algumas, como o limão, laranja, tomates, são extremamente ricas em vitaminas anti-escorbúticas, constituindo o remédio habitual dessa avitaminose. Outras contêm vitaminas que desempenham importante papel no crescimento e na luta contra a neurite; o tomate é particularmente rico.

Sabe-se, desde os trabalhos de Moritz, que as cascas das fructas contêm na face interna diástases que ajudam a digestão da cellulose; outras a digestão da gema de ovo.

Enfim, o ferro, contido em proporção notável em certas fructas (ameixas, amêndoas e laranjas) goza de propriedades biológicas particularmente activas, mostrando-

se facilmente assimilável, o que faz empregar-las no tratamento das anemias.

As fructas gordurosas e amiláceas, tais como as amêndoas, nozes e avelãs têm uma composição toda diferente; particularmente ricas em proteínas e em lípidos, representam alimento de alto valor.

As propriedades fisiológicas das fructas demonstram que elas devem entrar na composição da ração diária das crianças e dos adultos.

Podem também ser empregados na therapeutica de certas doenças: nas nefrites crónicas, na gota, nas doenças do fígado, prestam, sobretudo em razão da sua pobreza em albumina, consideráveis serviços. Deparam um agradável meio de lutar contra a constipação, ajudam a cura da obesidade, proporcionam serviços no tratamento de certas diabetes e enfim contribuem para a cura das anemias.

Concebe-se que as curas de fructas tenham sido intuitivas desde a antiguidade. As mais usadas são as curas de uvas, de limão, de morangos, de maçãs. Nestes últimos anos, têm-se feito esforços para crear estações de uvas nas regiões vinhateiras organizadas sob o mesmo plano das estações hidro-minerais. A França que é o primeiro paiz productor de uvas, tem o dever de pôr-se à frente dessa organização therapeutica.

Quando os homens bem conhecerem o valor alimentar e therapeutico das fructas, quando souberem conservá-las e utiliza-las sob diversas formas (fructas secas cristalizadas, compotas, suco de fructas, etc.), aumentarão o seu consumo e assim a colheita das fructas, particularmente da uva no nosso paiz não ficará inutilizada, formando-se uma fonte de riqueza para a agricultura franceza.

Porque isto, também particularmente nos interessa a nós portugueses e porque alguma cousa se está tentando fazer nesse sentido, aqui reproduzimos gostosamente estas considerações sobre o papel das fructas, na alimentação do homem.

CAMPOS DE AVIAÇÃO



Pelo Cap. HUMBERTO DA CRUZ

Por falta de ambiente aeronáutico não há em Portugal uma política definida de campos de aterragem. Tal estado de coisas é de sérias consequências na marcha progressiva das actividades Nacionais que, em 1938, reclamam, e fortemente, a ajuda valorosa da aeronáutica como factor de primeira grandeza no problema das comunicações comerciais. Há que atender, e muito também, à questão da «Defeza Nacional» impossível de admitir em bom trato sem uma rede de aerodromos que facilite a acção tão proveitosa e indispensável da Aviação de Guerra. E ainda, uma força em jogo, o prestígio Nacional porque as Nações não caminham com cartazes e palavras mas tão somente com actos e factos que comprovem o grau de vitalidade e de progresso das organizações públicas.

O Campo de Aviação é já hoje um problema Nacional que interessa às regiões várias do nosso País. Um conjunto de atenções bem orientadas podem e devem definir o seu número e a sua melhor localização. Há pontos do País onde é de grande necessidade o arranjo dum aerodromo por razões de ordem económica umas vezes, de ordem militar outras, e, algumas vezes até, pelas duas cumulativamente.

Há coisas entre nós que confundem, porque não se justificam desviados do

nosso labôr e interêsse nacionalista. Por exemplo:

Lisboa, que já os estrangeiros classificam de testa europeia das carreiras aéreas transatlânticas, ainda não tem um aerodromo comercial que bem lhe sirva.

Passemos mais rápidos por este exemplo que faz sangrar dolorosamente o nosso brio por mais parangonas que se digam.

Passemos também ao lado das necessidades aeronáuticas Nacionais e falemos só de Lagos, cidade algarvia, senho-

ra e dona duma das mais importantes chaves de segurança estratégica do mundo.

Lagos tem hoje um campo de aviação que não se ajusta à sua posição geográfica nem à sua categoria, antes e ridiculamente, parece um gracejo ao seu nome: — pôças de água, muitas pôças de água, dentro e perto dum plano alagável com tufos de ver-

dura agreste e... umas marcas ao redor. É pouco, muito pouco! Eu sei, todos os aviadores o sabem, quanto representa de esforço e boa vontade esse «pouco» com existência marcada num país em que a Aviação vive em adolescência, de pernas tortas ainda, sem um amparo que lhe defina o seu caminhar na vida. Lagos procurou cumprir. Muito querem fazer os seus administradores. Tive ocasião de ver o



O avião do Snr. Cap. Humberto da Cruz, sobrevoando o Campo de Aviação de Lagos

Soneto



À Baía de Lagos

PELO DR. ANTÓNIO HENRIQUE BALTÉ

*Lindo mar! Que poder estranho o teu!
Como nesta baía tu fascinas!
Tons de verde, mais verdes que as campinas!...
Tons de azul, dum azul maior que o céu!...*

*Mal um dia tranqüilo amanheceu,
Vestes a areia de ondas pequeninas
Com revérberos mansos de platinas
Aonde o sol, mal poisa, já tremeu...*

*Lindo mar! Linda areia! Claridade
De refração suavíssima, que invade
Os nossos olhos, e que os nervos calma...*

*Lindo mar... lindo mar tão bonançoso
Lindo mar... lindo mar tão luminoso
Que nos deslumbras de beleza a alma.*

interêsse da sua Comissão de Turismo e dos seus edis. O Campo de Aviação de Lagos é dos que seguramente precisam ser muito em breve uma realidade. Para a sua execução, alargamento e arranjo do que existe actualmente ou preparação doutro, noutra local, mais perto da cidade talvez, é necessário a intervenção do Governo. É preciso que vão acabando os erros das construções de campos tipo «manta de farrapos». E' indispensável que se façam os convenientes, nos mais convenientes locais. Para isso há que reclamar a intervenção do Estado.

Lagos precisa apenas, por agora, de saber pôr o seu problema aeronáutico em equação. Tudo quanto faça, com o mais firme e patriótico desejo de servir e acertar pode ser sem proveito por não obedecer ao plano geral de desenvolvimento aeronáutico do País. Que as terras saibam mecher-se para sua melhoria, bem está, mas nunca alheias ao arranjo geral da Nação em que estão integradas. Há certamente quem se obrigue pela sua missão oficial a tomar em devida conta êstes assuntos. Até lá os devemos saber levar.

FACTOS E FIGURAS

===== DIRECÇÃO DO DR. MARQUES FERNANDES =====

Amor trovadoresco

E' costume julgar-se que a maioria das cantigas trovadorescas, em especial as de amor, nada mais são além de um artificioso jogo de palavras e ideiss. A tradição, porém, demonstra-nos que essas cantigas representaram por vezes a expressão de sentimentos reais. Sirva como exemplo o caso do trovador Guilhem de Cabestanh.

Este poeta estava ao serviço da castelã do Rossilhão, a bela Seremonda. Apaixonaram-se e o seu amor transpôs as barreiras estatuidas nas regras do tempo. O marido da castelã, cioso barão medieval, soube-o; matou Guilhem e, arrancando-lhe o coração, deu-o a comer à mulher, como se fôsse de qualquer peça de caça. Não satisfeito com isto, disse a Seremonda a verdsde. A dona, horrorizada, atirou-se de uma janela e morreu.

Mas não terminou a tragédia. O rei de Aragão, conhecedor do facto, mandou prender por tôda a vida o vingativo e cruel castelão, e fez sepultar os corpos dos dois amantes em campas vizinhas.

Descontado o que possa aqui haver de exagêro, ainda restam elementos convincentes da validade de muitos dos sentimentos expressos na poesia dos trovadores.

Junqueiro antiquário

O poeta vehemente da Pátria tinha uma paixão quasi obcecante pelas antiquilhas, percorrendo terras e terras de Espanha, em busca de esttuetas, pratos, etc., para enriquecer o seu pequeno museu.

Soube um dia que certo confeiteiro possuia uns quardros antigos e pretenia vendê-los. O nosso poeta lá vai e dá com uma espelunca nauseabunda.

Vistos os quadros, tôscas imitações, que o proprie-

tário attribuia a Rubens, Velasco, Rafael, pedindo por êles boa maquia, Junqueiro deitou um olhar pela loja, e viu um bolo coberto de môscas. Preguntou quanto custava.

O pasteleiro, espantado, pediu um vintém.

— Pois embrulhe-mo. E' a única coisa, antiga de facto, que em sus casa encontrei — concluiu o poeta.

Napoleão III e Victor Hugo

Quando Luiz Napoleão deu o golpe de estado que derrubou a República e o tornou imperador, entre as fileiras dos seus irredutíveis inimigos contava-se Victor Hugo, que escreveria o célebre livro *Napoleão o Pequeno*, sátira contundente e mordaz ao imperador.

Este, ao aludir ao panfleto do genial poeta, dizia, sorrindo, mas com um riso que não iludia a mágua:

— Eis Napoleão o Pequeno de Victor Hugo o Grande.

Adaptação rápida

O poeta António Ribeiro Chiado vivia pobremente, como em geral têm vivido todos os valores reais da nossa terra. Nem isto, porém, o isentou de uma visita nocturna de dois ladrões.

Acordado o poeta em sobressalto, viu que lhe roubavam os poucos trastes. Não hesitou. Desarmou a cama, carregou-a às costas, e marchou na rectsguarda dos biltres.

Espantaram-se estes com o novo companheiro, e perguntaram-lhe para onde ia.

— Para a minha nova residência, respondeu o popular comediógrafo.

N O T I C I A R I O

AS comemorações do 28 de Maio que se realizaram em todo o País, exprimiram bem o sentir do Povo Português em face da política seguida pelo Estado Novo que só nos tem legado prosperidade e bem-estar.

Em Lagos, neste dia, um terço da Legião Portuguesa percorreu as ruas da Cidade, tendo sido lida, no Rocio de S. João, pelo comandante de lança, Snr. Joaquim Cascada, uma brilhante alocução.

Na escola primária Conde de Ferreira, por iniciativa da professora D. Maria Horta da Veiga, teve lugar uma encantadora festa comemorando a passagem desta gloriosa data. Presidiu à sessão o Snr. Dr. Manuel Anselmo que convidou para secretariar os Snrs. João Moreira Fernandes, director da Escola Industrial de Victorino Damásio e o professor da mesma escola, Snr. Carneiro d. Almeida. Usaram brilhantemente da palavra as Snrs. D. Maria Horta da Veiga, D. Maria da Glória Sustelo e Dr. Manuel Anselmo.

A festa terminou entre cânticos patrióticos entoados por rapazes da M. P.

A noite, no Cine-Teatro Ideal, realizou-se uma sessão solene presidida pelo Snr. Cap. João de Albuquerque Veloso na qual usou da palavra o Oficial de Milícia Snr. Dr. Guerreiro Tello, seguindo-se uma sessão cinematográfica com filmes escolhidos.

A nossa baía continua a ser visitada por navios de guerra estrangeiros. Ultimamente fundearam aqui o couraçado alemão *Admiral Sheer*, os torpedeiros *Tiger*, *Ilitis*, e *Wolfe* os navios de abastecimento *Neptune* e *August Schultze*.

Os cumprimentos do estilo entre as autoridades marítimas não se trocaram em virtude da embarcação pertencente à Capitania do Porto estar na ria de Faro, há já bastante tempo, ao que parece para reparações (?...) para os quais reclamamos a maior urgência a fim de não se repetirem casos como este que só comprometem as nossas habituais maneiras de bem receber.

AS Senhoras de Caridade de Lagos promoveram a favor dos seus pobres, um Serão de Caridade na Sociedade Filarmónica Lacobrigense a que por honroso convite assistimos.

Representou-se a novela cómica em 3 partes, original de Martinez Sierra, «Sonho de uma Noite de Agosto»! E tão bem desempenhada ela foi que mais nos parecera estarmos em frente dum grande palco.

Tomaram parte neste espectáculo que terminou com um brilhante Fim de Festa, as Senhoras D. Lucinda Carmo Rijo, D. Beatriz Abranches Formosinho, e D. Maria Santos Velinho; as meninas Maria Raquel Simões Netto, Maria Amélia Formosinho, Maria Augusta Santos Velinho, Maria Virgínia de Castro Mena Vieira, Maria Luisa Abranches Formosinho, Maria Candida Tello Parreira Cruz, Maria Luisa Tello Parreira Cruz, Maria Luisa de Castro Mena Vieira, Margarida Pereira de Matos, Maria Cristina Simões Netto, Maria Margarida Amado da Cunha e Arnalda Rijo Cardeira da Silva; os Senhores Dr. Manuel Anselmo, Dr. António Guerreiro Tello, Dr. António Henrique Balté, Dr. Rodrigues Clarinha, Dr. José Machado Ribeiro Lopes, A. S. Simões Netto, José de Brito Cabral, Ten Bento Formosinho, Manuel Machado Barbosa, Afonso de Castro,

Frederico Rato, Dr. A. Luís da Silva, Candido Soares e A. Penisga.

OS MIUDOS DOS ARTISTAS é um grupo cénico do Club Artístico Lacobrigense que há já algumas semanas se prepara para dar um espectáculo nesta prestimosa agremiação. Como o próprio nome indica é este grupo constituído só por crianças pelo que está despertando grande interesse vê-las em palco.

A passar uma temporada no norte do País, partiu há já alguns dias, o nosso colega de redacção, Dr. José de Sousa Machado Ribeiro Lopes acompanhado de sua Mãe.

A este nosso estimado amigo desejamos umas férias agradáveis.

O Snr. Cap. Leonel Vieira, Comandante Distrital da Legião Portuguesa, no Algarve, regressou há pouco de Lisboa onde foi assistir ao banquete oferecido pelos Officiais do Exército Português ao Dr. Oliveira Salazar, tendo aproveitado a oportunidade para tratar, na Capital, de assuntos que se prendem com o seu cargo.

O nosso director, Snr. A. S. Simões Netto foi a Lisboa propositadamente para obter a resolução de problemas de elevado interesse para o nosso Município que, nesta altura, em virtude de várias disposições legais que cercearam em muito as suas receitas, atravessa uma grande crise.

PELO Snr. Aparicio Fructuoso foi pedida em casamento para seu filho, Alferes Fernando Fructuoso, Melle. Maria Celina Fogaça. O enlace matrimonial deve realizar-se brevemente.

FOI-NOS oferecido por intermédio da Comissão Executiva Local de Socorros a Naufragos um muito bem elaborado relatório da Gerência do Instituto de Socorros a Naufragos relativo aos anos de 1934-35-36. Nesse relatório tivemos ocasião de verificar, entre outras notas elucidativas, que desde a fundação do Instituto até hoje foram socorridas 2 442 embarcações e salvas 12.852 vidas.

É sem dúvida uma alta instituição que merece de todos o maior carinho.

COM a devida vénia transcrevemos do jornal «O Dia-bo» o artigo «A Novíssima Geração» da autoria do nosso valioso colaborador e prezado conterrâneo, Dr. Francisco Carlos Nunes Correia que submetemos à apreciação dos nossos leitores.

Nunes Correia que pertence a uma família de artistas, possui faculdades intelectuais que, aproveitadas criteriosamente, lhe poderão impor muitos louvores.

POR motivo de força maior fomos forçados a não publicar ainda neste número as bases do concurso de fotografias das chaminés do Algarve, o que faremos no próximo número.

Maquinas de escrever

ROYAL

Adoptadas pelo Governo Português

Maquinas de somar •Victor•

Maquinas de endereçar — Duplicadores

Livros de Folhas Soltas—Material para organizações comerciais, industriaes, agrícolas, serviços públicos, hospitais, consultorios, etc., etc.

Modelos desde Esc. 1.108\$00

Maquinas de calcular •Facit•

Classificadores e Ficheiros

Sociedade Comercial Luso - Americana, Ltd^a.

Rua da Prata 141 a 147 — Telefones 22102 e 25281

L I S B O A

Agente em Lagos: João Duarte Dias

Pintor - Decorador

Armando Gonçalves

agente no Algarve das tintas inglezas

« GOODLASS »

comunica aos seus estimados clientes e amigos que tem à sua disposição um artista de Lisboa, especializado em decorações e pinturas a liso, exteriores e interiores.

Assim, os produtos inglezes «GOODLASS», já muito conhecidos em Faro e restantes localidades da Provincia, ficam mais valorizados de futuro pela sua consiente aplicação, da qual resultam não só maior embelezamento como maior duração das pinturas.

Pedir orçamentos:

Rua 1.º de Dezembro, 22, 26 — FARO
Telefone, 27



ASEPTOGINIA HIGIENE

Não é um medicamento, mas sim um elemento indispensável na Higiene íntima das Senhoras.

De cheiro muito agradável, não produz manchas no roupa, podendo ser empregada sem qualquer resguardo

COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE

LABORATÓRIOS, 13 Rua VIRIATO 17

FARMÁCIA ESTACIO, 40 — ROSSIO — 43

Lisboa

A MARISQUEIRA

É a casa que melhor confecciona todos os mariscos da região, acompanhados com ótimo vinho da **CASA ALTA**

Rua Afonso de Almeida — LAGOS

Máquina de escrever

ROYAL

Sociedade Comercial Luso-Americana, Ltd.

ASPTOONIA HIGIENE

COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE
LARGALVA, 10 - LISBOA

A MARISQUEIRA

“costa de oiro,”

é composta e impressa na Tipografia Ferreira em LAGOS

foi visada pela Comissão de Censura.

Pintor - Decorador

Armas e Condições

COORDENAR